

Lucernas Romanas de Alcácer do Sal

entre a prática e o sagrado

Carlos Pereira ¹

1. INTRODUÇÃO

Desde há longos anos, Alcácer do Sal tem sido alvo de intervenções arqueológicas que colocaram a descoberto importantes vestígios, comprovando a existência de uma significativa e densa ocupação romana, que se encontra sob a actual cidade. As lucernas podem dar um contributo para o seu conhecimento, uma vez que a quase totalidade das cerâmicas de iluminação se encontra ainda inédita, à excepção de um conjunto de sete peças publicadas por Ferreira de ALMEIDA (1953) e reestampadas por Elisabeth FIGUEIREDO (1977).

Com efeito, parece irrefutável o auspicioso contributo deste tipo de material no estudo e compreensão dos contextos em que é exumado, permitindo também a obtenção de datações com balizas cronológicas bastante precisas.

Mas este estudo não resulta fácil, dadas as problemáticas que se prendem directamente com as produções e que carecem ainda de confirmação por análises químicas ou através de qualquer outro método que as corrobore.

Deparamo-nos frequentemente com diferentes produções da mesma forma, em resultado da disseminação produtiva pelo ocidente do império (MORILLO Cerdán e RODRÍGUEZ MARTÍN, 2009: 292-293). Além de esta expansão reprodutiva originar variantes com ligeiras diferenças morfológicas ou cronológicas, origina seguramente exemplares que reproduzem os originais itálicos ou norte-africanos. Ainda que não tenhamos conhecimento de muitas *figlinae* especializadas na produção de lucernas romanas, actualmente não temos quaisquer dúvidas de que estas peças foram abundantemente produzidas e reproduzidas em território peninsular (MORILLO Cerdán, 1993; BERNAL CASASOLA e GARCÍA GIMÉNEZ, 1995; MORAIS, 2005; PEREIRA, 2008; VIEIRA, 2011).

RESUMO

Estudo de lucernas romanas provenientes de Alcácer do Sal (*Salacia*), importante para a compreensão dos padrões e volumes de importação e consumo destas peças, em contexto funcional, ritual ou funerário. Analisam-se comparativamente dois contextos arqueológicos, que não representam a totalidade de cerâmicas de iluminação recolhidas em Alcácer do Sal, mas dão a conhecer materiais até agora ocultos em reservas de museus.

PALAVRAS CHAVE: Época Romana; *Salacia*; Lucernas; Práticas funerárias.

ABSTRACT

This study of Roman lamps from Alcácer do Sal (*Salacia*) is important to understand lamp import and consumption quantities and patterns, in terms of their different uses (functional, ritual or funeral). Two archaeological contexts are compared. Though they do not represent the total number of lamps collected in Alcácer do Sal, they reveal materials that had been locked away in museums before.

KEY WORDS: Roman times; *Salacia*; Lamps; Funeral rites.

RÉSUMÉ

Etude de lampes romaines provenant d'Alcacer do Sal (*Salacia*), importante pour la compréhension des modèles et volumes d'importation et la consommation de ces pièces, en contexte fonctionnel, rituel ou funéraire. On analyse comparativement deux contextes archéologiques qui ne représentent pas la totalité des céramiques d'illumination recueillies à Alcacer do Sal, mais qui font connaître des matériaux jusqu'alors cachés dans des réserves de musées.

MOTS CLÉS: Époque romaine; *Salacia*; Lampes; Pratiques funéraires.

¹ Mestre em Arqueologia pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Bolseiro de doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, na Uniarq-Centro de Arqueologia da Faculdade de Letras de Lisboa (carlos_samuel_pereira@hotmail.com).

Não poderíamos ainda deixar de referir que nem sempre o estudo de conjuntos resultantes de trabalhos arqueológicos antigos, como é o caso da necrópole da Azinhaga do Senhor dos Mártires, permite uma análise detalhada dos seus contextos e, por outro lado, reconhecemos que é possível que estes conjuntos não correspondam à totalidade do material exumado.

2. LOCALIZAÇÃO E PROVENIÊNCIA DOS MATERIAIS

As cerâmicas de iluminação que aqui se apresentam são provenientes de duas intervenções arqueológicas que divergem funcional e geograficamente.

Uma dessas intervenções decorreu no âmbito da recuperação e transformação do convento de Nossa Senhora de *Aracoelli*, localizado no Castelo de Alcácer do Sal (Fig. 1), o qual foi readaptado a pousada (FARIA, 2002: 89). Decorreu entre 1993 e 1997, sob a direcção do Dr. António Cavaleiro Paixão e do Dr. João Carlos Faria, tendo como objectivo a minimização do impacto da obra.

As cerâmicas de iluminação desta intervenção provêm de um contexto identificado na campanha de 1995, naquilo que viria a ser reconhecido como santuário romano. Segundo FARIA (2002: 103), este edifício apresenta uma planta rectangular, com uma área de 120m²

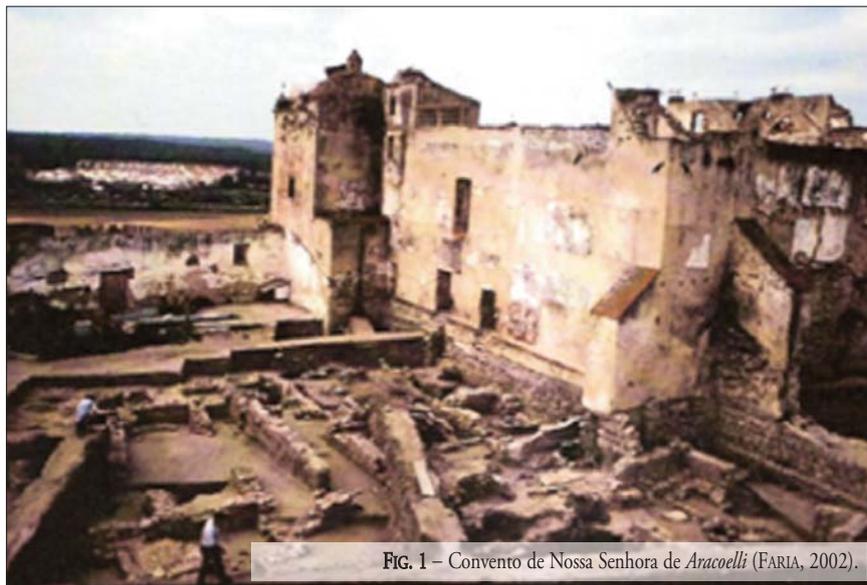


FIG. 1 – Convento de Nossa Senhora de *Aracoelli* (FARIA, 2002).

que inclui duas *cellae* ligadas entre si por dois corredores. Numa dessas *cellae* identificou-se o dito depósito votivo, no qual se recolheu um conjunto considerável de lucernas romanas. O compartimento tem planta rectangular e, na sua entrada, um pequeno tanque quadrangular forneceu a célebre *tabella defixionis* (ENCARNAÇÃO e FARIA, 2002; GUERRA, 2003; RIBEIRO, 2006).

As cerâmicas de iluminação encontradas neste compartimento estavam *in situ*, junto à entrada, naquilo que parece ser uma sub-compartimentação à qual tem sido atribuída a funcionalidade de *“depósito votivo”* (Fig. 2) (FARIA, 2002: 104). Trata-se, portanto, de um local destinado à deposição de ex-votos, uma vez que *“depósito”* mais não é do que o conjunto de materiais colocados nesse local pela última vez.



FIG. 2 – O *“depósito votivo”* (FARIA, 2002).

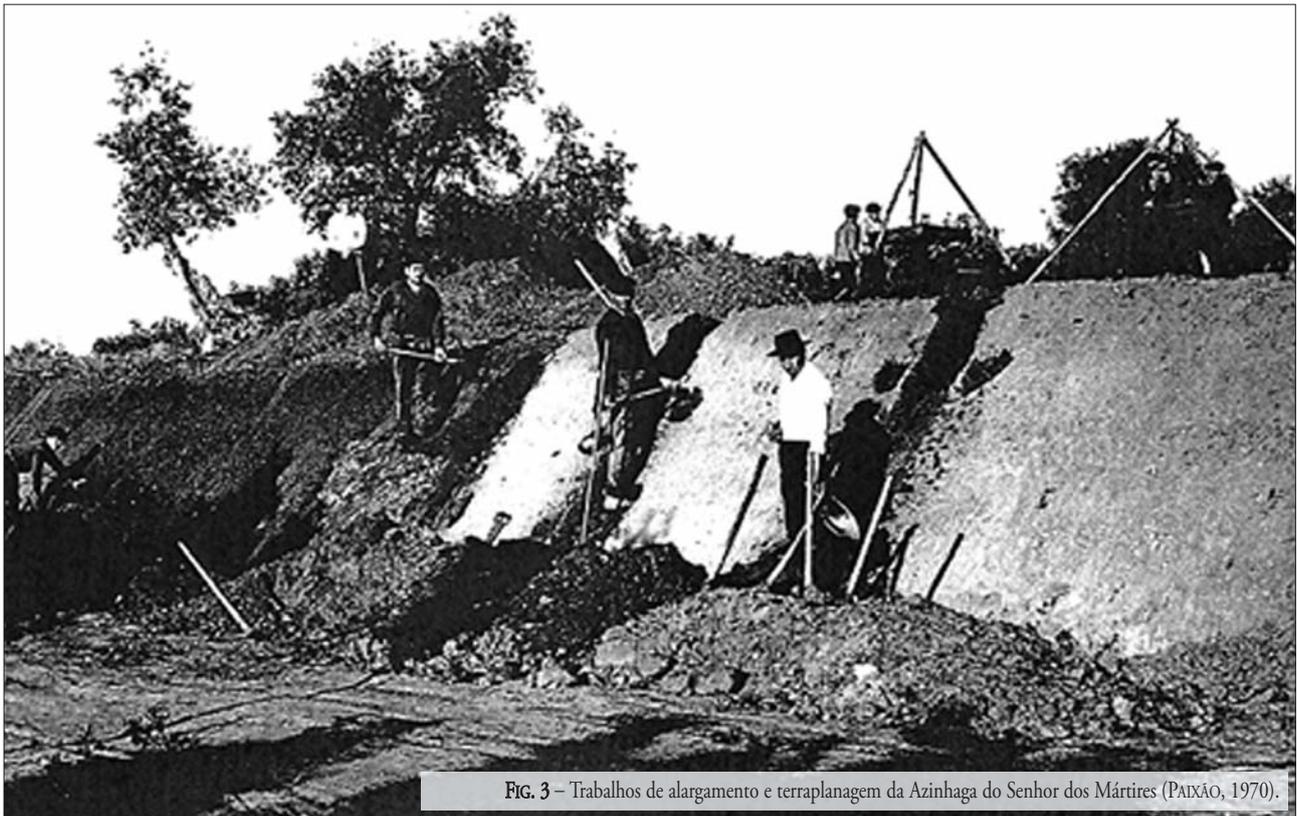


FIG. 3 – Trabalhos de alargamento e terraplanagem da Azinhaga do Senhor dos Mártires (PAIXÃO, 1970).

O material deste contexto é constituído por um total de nove peças, que se poderão dividir entre lucernas de volutas e de disco. Não corresponde de todo a um conjunto morfologicamente variado ou com a presença de exemplares de várias proveniências. No entanto, o seu estudo é importante, quer pela excepcionalidade do achado, quer pela presença de um exemplar extremamente raro nos inventários de materiais de sítios de idêntica cronologia. Convém ainda referir, neste âmbito, que as cerâmicas de iluminação foram recolhidas em contexto com cerâmicas comuns locais/regionais, uma correspondente a uma taça com pé, e pequenas figuras de terracota com representação de barretes frígios (FARIA, 2002: 104; GOMES, 2009).

Os restantes materiais são provenientes da necrópole da Azinhaga do Senhor dos Mártires e encontram-se actualmente depositados no Museu Nacional de Arqueologia e na Câmara Municipal de Alcácer do Sal. No total somam 35 exemplares.

As primeiras notícias que surgem deste local datam do século XIX, e chegaram até nós através dos testemunhos de Simões de CASTRO (1876) e Correia BAPTISTA (1896), ainda que saibamos que o local era conhecido desde o momento de construção do actual santuário do Senhor dos Mártires (CORREIA, 1924: 146). Correia Baptista refere que, aquando da plantação de uma vinha, apareceram bastantes materiais arqueológicos, entre os quais algumas lucernas (BAPTISTA, 1896: 144). Podemos supor que algumas destas peças corresponderão às publicadas por Ferreira de Almeida, embora não possamos afirmar concretamente quais. Certo é que, no ano da sua publicação, não havia sido ainda efectuado qualquer trabalho arqueológico no local.

Foi no ano de 1969 que, após o alargamento da estrada da Rua do Senhor dos Mártires (Fig. 3), ficaram a descoberto materiais e estrutu-

ras sepulcrais em corte, realidade que, aliás, foi descrita na tese de licenciatura de Cavaleiro PAIXÃO (1970). É a partir deste momento que notamos uma maior consciencialização sobre o facto de aí se encontrar localizada a necrópole romana alto-imperial, bem como da necessidade emergente de trabalhos arqueológicos que a salvaguardem. No ano de 1978, realizaram-se no local os primeiros trabalhos arqueológicos, sob a direcção de Cavaleiro Paixão, com o objectivo de salvaguardar e registar o sítio, no âmbito de trabalhos de urbanização da área (PAIXÃO, 1984: 165). No entanto, não deixa de ser curioso que o autor refira que esta corresponde à segunda campanha de escavações no local, ficando por esclarecer quando e em que moldes foi efectuada a primeira.

Realidade idêntica ocorreu anos mais tarde, em 1980, o que motivou e justificou nova intervenção, sendo mais recentes os trabalhos efectuados no ano de 2008, sob a direcção de António Carvalho e de Nathalie Antunes-Ferreira.

Todas as intervenções efectuadas na necrópole da Azinhaga do Senhor dos Mártires, que referimos em traços gerais, permitiram a recolha de um abundante espólio arqueológico, onde as cerâmicas de iluminação estão presentes.

3. OS MATERIAIS

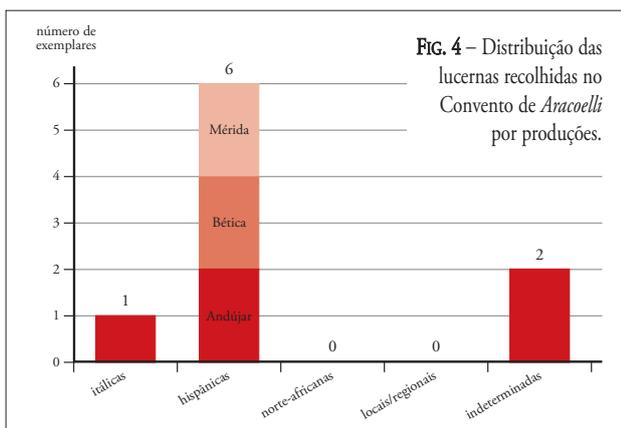
Os dois contextos referidos foram abordados separadamente para que, assim, pudéssemos proceder a uma análise comparativa mais detalhada. Sempre que conveniente, comentamos pormenores sobre a morfologia, a produção ou os paralelos identificados. Esta análise

morfológica tem por base a tipologia de DRESSEL (1899), mais tarde actualizada e melhorada por LAMBOGLIA (1952), apoiando-nos, sempre que necessário, em outras tipologias respeitantes a exemplares exógenos às produções hispânicas.

3.1. CONVENTO DA NOSSA SENHORA DE ARACOELLI (CRIPTA ARQUEOLÓGICA)

3.1.1. As produções

Neste conjunto, são as produções hispânicas que, sem dúvida, se encontram mais bem representadas, com um total de seis exemplares. Nestes, podemos reconhecer duas peças de produção da área de Andújar, duas de produção emeritense e duas da Bética (Fig. 4). No último caso, e na impossibilidade de reconhecer o centro produtor em concreto, parece sensato atribuir às peças identificadas uma proveniência geográfica, motivo pelo qual se dividem aqui as produções de Andújar das restantes, uma vez que a primeira se encontra relativamente bem caracterizada (BERNAL CASASOLA, 1993; GARCIA GIMÉNEZ *et al.*, 1999).



As produções itálicas encontram-se representadas apenas por um exemplar. Trata-se da peça *ex libris* recolhida neste contexto, correspondente a uma lucerna em forma de barco, com múltiplos orifícios de combustão (Fig. 5 e Fig. 6, n.º 1). Não é fácil o enquadramento cronológico ou formal desta peça, tendo em conta que até ao momento se documentaram poucos achados idênticos. Dois exemplares análogos foram recolhidos ao largo da costa de Pozzuoli (Itália meridional), mas estavam, infelizmente, desprovidos de qualquer contexto (BAILEY, 1988). De um outro exemplar depositado no British Museum, aquele que mais se assemelha ao de Alcácer do Sal, desconhece-se a sua proveniência (BAILEY, 1980). Os únicos investigadores que, até ao momento, dedicaram, nas suas obras, alguns parágrafos a este tipo de peças foram Henry WALTERS (1914) e Donald BAILEY (1980), que estudaram as lucernas depositadas no British Museum, local onde se encontram os exemplares anteriormente referidos.

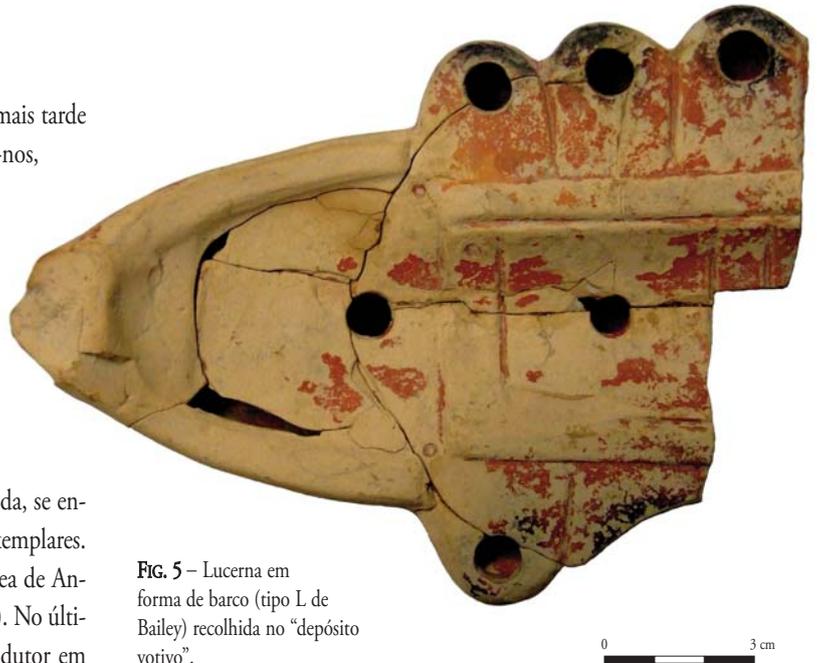


FIG. 5 – Lucerna em forma de barco (tipo L de Bailey) recolhida no “depósito votivo”.

Independentemente das diferentes problemáticas que este tipo de cerâmica de iluminação coloca, Bailey apresenta, no seu segundo volume, uma proposta cronológica para os exemplares recolhidos em forma de barco, centrada em finais do século I d.C. e início da centúria seguinte (BAILEY, 1980: 254-255). Com efeito, os dados que este contexto oferece parecem corroborar a proposta avançada por este investigador.

3.1.2. As formas

Morfologicamente pudemos identificar um total de seis tipos correspondentes às formas Dressel-Lamboglia 9A, Dressel-Lamboglia 11, Dressel-Lamboglia 20, Dressel-Lamboglia 28, Deneauve VF e Bailey L (Fig. 7). A forma 20 de Dressel é a que se encontra mais representada, com um total de quatro peças, correspondendo às restantes formas apenas um exemplar.

Cronologicamente, a análise destas formas abarca um período de tempo que abrange todos os séculos I e II d.C. No entanto, deve ter-se em consideração a associação da totalidade dos materiais. A peça mais antiga que encontramos neste conjunto corresponde, sem dúvida alguma, ao exemplar de volutas de bico triangular que, manifestamente, parece sair da baliza cronológica geral do conjunto (Fig. 6, n.º 2). No entanto, e tendo em conta que se trata de um exemplar de produção hispânica, parece provável que seja razoavelmente mais tardio, meados do século I d.C., comparativamente aos seus análogos itálicos.

As restantes cerâmicas de iluminação, os tipos 11 e 20 de Dressel, tipo VF de Deneauve e tipo L de Bailey, encontram-se perfeitamente atestadas em contextos datados entre a segunda metade do século I d.C. e a primeira da centúria seguinte (DENEAUVE, 1969). Com efeito, a proposta de uma cronologia similar para este contexto parece ser a mais adequada. É, sem dúvida, uma baliza cronológica ampla. ...18 ▶

CATÁLOGO

Fig. 6, n.º 1 – Lucerna em forma de barco com vários orifícios de combustão e alimentação.

A parte que se conserva corresponde à proa. Pasta alaranjada e engobe avermelhado e espesso. Apresenta alguns vestígios de uso. Produção: itálica; Cronologia: 70-120 d.C.; Alguns paralelos: British Museum (encontradas ao largo de Pozzuoli, Itália meridional); Forma: Bailey I; Local de depósito: Município de Alcácer do Sal, exposta na cripta arqueológica do Convento da Nossa Senhora de *Aracoelli*.

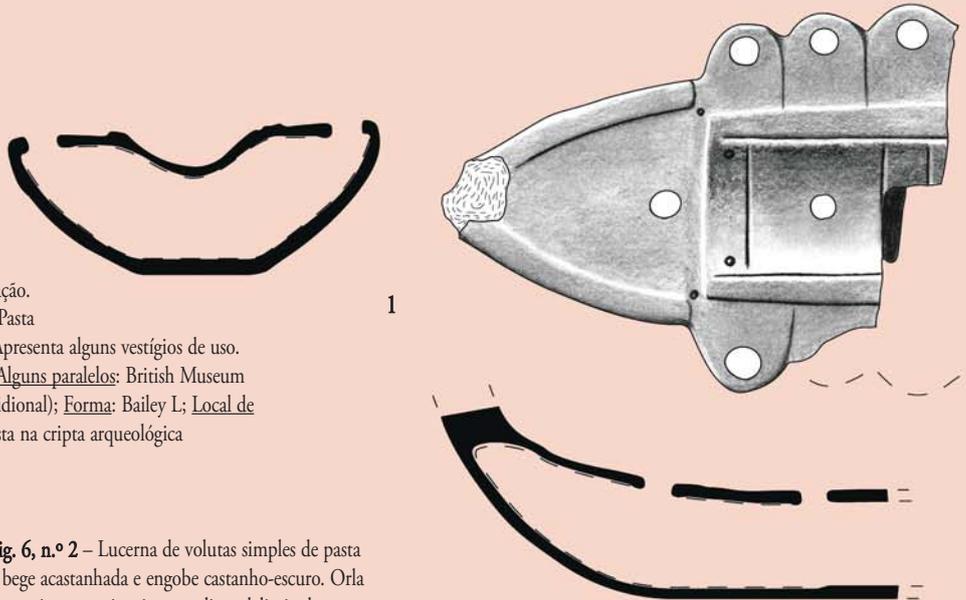
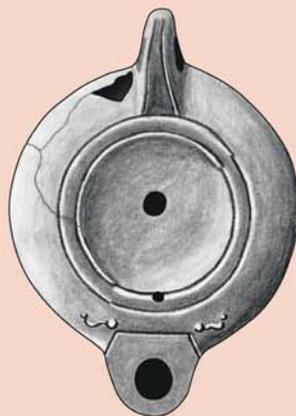


Fig. 6, n.º 2 – Lucerna de volutas simples de pasta bege acastanhada e engobe castanho-escuro. Orla praticamente inexistente, disco delimitado por três pequenas molduras bastante próximas. Bico triangular ornado com volutas simples que o ladeiam. Poucos vestígios de uso.

Produção: hispânica, Andújar; Cronologia: primeira metade do séc. I d.C.; Alguns paralelos: Mérida, Santa Barbara de Padrões, Conímbriga, Santarém, Sevilha; Forma: Dressel 9A, Loeschcke IA, Deneauve IVA, Ponsich II-A1.; Iconografia: no disco encontra-se a representação de um gladiador (murmilo) virado para o lado esquerdo, com uma das pernas flectidas, parecendo estar a andar. Na mão direita segura a espada e na esquerda o escudo rectangular; Marca: não; Sobremoldagem: não; Local de depósito: Município de Alcácer do Sal, exposta na cripta arqueológica do Convento da Nossa Senhora de *Aracoelli*.



4



Fig. 6, n.º 3 – Lucerna de disco de pasta amarelada polvorosa e engobe laranja. Orla larga e oblíqua, com presença de duas molduras profundas. Bico redondo, separado do corpo da peça por pequenas molduras. Asa curta e pouco alta. Poucos vestígios de uso.

Produção: Hispânica, Bética; Cronologia: séc. II d.C.; Alguns paralelos: Mérida, Santa Barbara de Padrões, Conímbriga, Santarém, Tróia, Miróbriga, Pero Guarda, Balsa, entre outros; Forma: Dressel 20, Deneauve VIIA, Ponsich III-B1, Walters 95; Iconografia: geométrica; Marca: na base tem presente a marca IVNIALEXI, e na parte inferior do bico uma contra-marca; Sobremoldagem: não; Local de depósito: Município de Alcácer do Sal, exposta na cripta arqueológica do Convento da Nossa Senhora de *Aracoelli*.



3



Fig. 6, n.º 4 – Lucerna de disco de pasta bege acastanhada e engobe castanho-escuro. Orla larga e disco côncavo separado da orla por duas molduras largas. Presença de orifício de arejamento. Bico curto e redondo, separado da peça por molduras e ladeado por dois pequenos sulcos com traços ondulantes impressos.

Produção: indeterminada; Cronologia: séc. II d.C.; Alguns paralelos: Mérida, Santa Barbara de Padrões, Conímbriga, Santarém, Tróia, Miróbriga, Pero Guarda, Balsa, entre outros; Forma: Dressel 20, Deneauve VIIA, Ponsich III-B1, Walters 95; Iconografia: não tem; Marca: presença de marca em cursivo, possivelmente correspondente a ANICIORUM; Sobremoldagem: não; Local de depósito: Município de Alcácer do Sal, exposta na cripta arqueológica do Convento da Nossa Senhora de *Aracoelli*.

◀ 16... Contudo, como referimos, a presença de um exemplar de volutas de bico triangular obriga-nos a considerar toda a segunda metade do século I d.C., da mesma forma que a presença de um exemplar da forma 28 de Dressel força, por outro lado, a incluir pelo menos a primeira metade do século seguinte.

3.1.3. A iconografia

Do repertório iconográfico identificado neste conjunto, podemos observar a presença de representações relacionadas com religião ou mito, vida quotidiana, fauna e geométricas (Fig. 8). Algumas das representações destacam-se pela sua raridade.

No grupo das figurações relacionadas com religião e mito, podemos reconhecer uma lucerna com a reprodução daquilo que tem vindo a ser interpretado por DENEAUVE (1969: pl. LXI, fig. 604 e pl. LXIX, fig. 726) e BAILEY (1980: 41, Q 1284 e Q 1285) como uma esfinge (Fig. 9). Este tipo de representações não é comum nos conjuntos de lucernas romanas, principalmente na Península Ibérica. O Norte de África parece corresponder à área onde se encontra a maior concentração deste tipo de iconografia (DENEAUVE, 1969), de onde deverá ser originária.

Ainda que o exemplar de Alcácer do Sal seja de produção hispânica, corresponde a uma sobremoldagem que reproduziu a forma e as características de uma peça firmada com a marca IVNIALEXI, à qual tem sido atribuída uma origem norte-africana. As reproduções de protótipos norte-africanos no litoral bético não oferecem actualmente quaisquer dúvidas, principalmente das formas 20 e 28 de Dressel (MORILLO CERDÁN e RODRÍGUEZ MARTÍN, 2009: 296-297).

Outra peça que ostenta uma representação relativamente rara corresponde ao exemplar de volutas de bico triangular. Embora a temática representada seja comum e transversal nas cerâmicas de iluminação, a figuração documentada é menos frequente. No disco, está representado um gladiador (murmilo) virado para o lado esquerdo, abatido, como que derrotado, e com uma das pernas ligeiramente flectida, parecendo estar em movimento. Na mão direita segura a espada e na esquerda o escudo rectangular. Mais uma vez, é no Norte de África que podemos encontrar paralelos, sem que possamos, contudo, atribuir a esta área a origem da iconografia (DENEAUVE, 1969: 113, pl. XXXVIII, fig. 321).

A representação de fauna (golfinho) está também presente, num exemplar de produção emeritense, correspondente a uma sobremoldagem, quicá de segunda geração. A produção de cerâmicas de iluminação em *Augusta Emerita* regista bastantes exemplares desta proveniência, vários dos quais documentados no território actualmente português (RODRIGUEZ MARTIN, 1996 e 2002; PEREIRA, 2008).

3.1.4. A epigrafia

Este conjunto, como vimos até ao momento, além de ser bastante peculiar morfológica ou iconograficamente, é-o também no que respeita a marcas e/ou contra-marcas.

Dos nove exemplares analisados, cinco oferecem marcas e três contra-marcas. Uma é ilegível, devido ao facto de corresponder a uma sobremoldagem bética, e outras duas correspondem ao oleiro *Ivnius Alexius* (Fig. 6, n.º 3), para o qual tem sido proposta uma origem africana proconsular (BALLI, 1968-69).

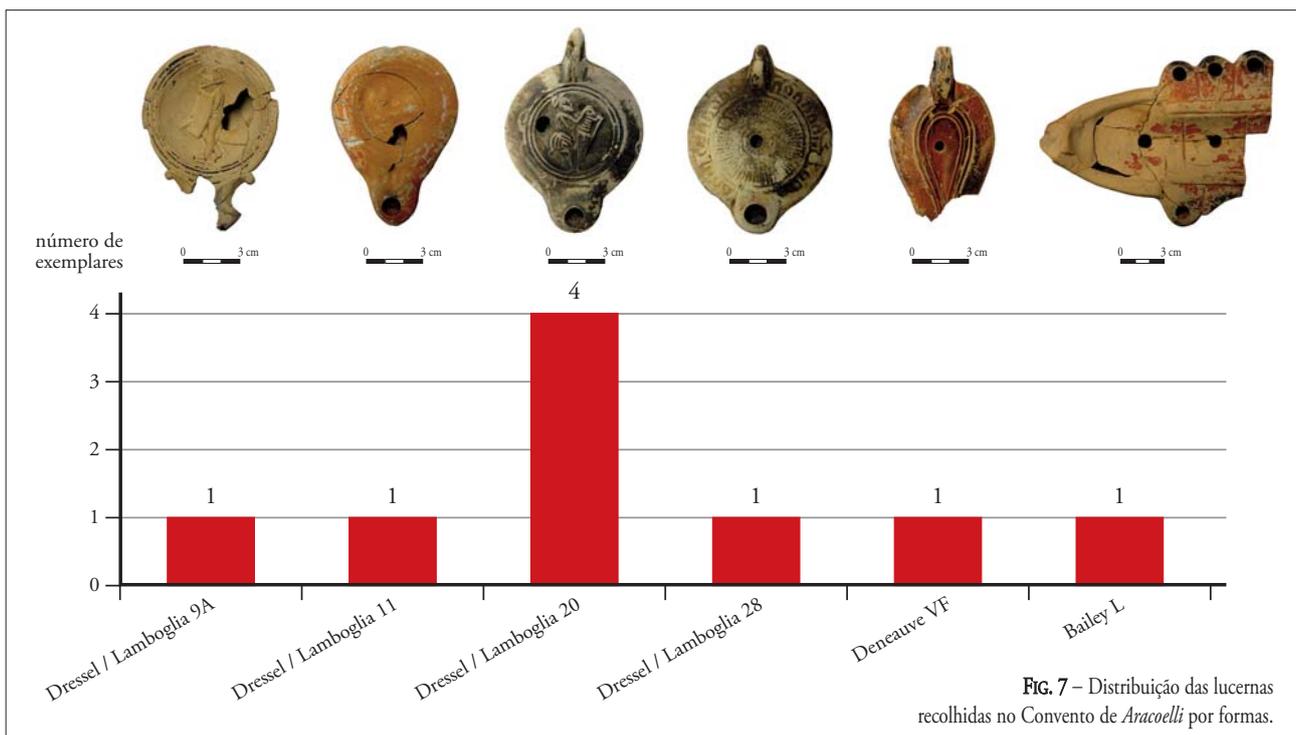


FIG. 7 – Distribuição das lucernas recolhidas no Convento de Aracoelli por formas.

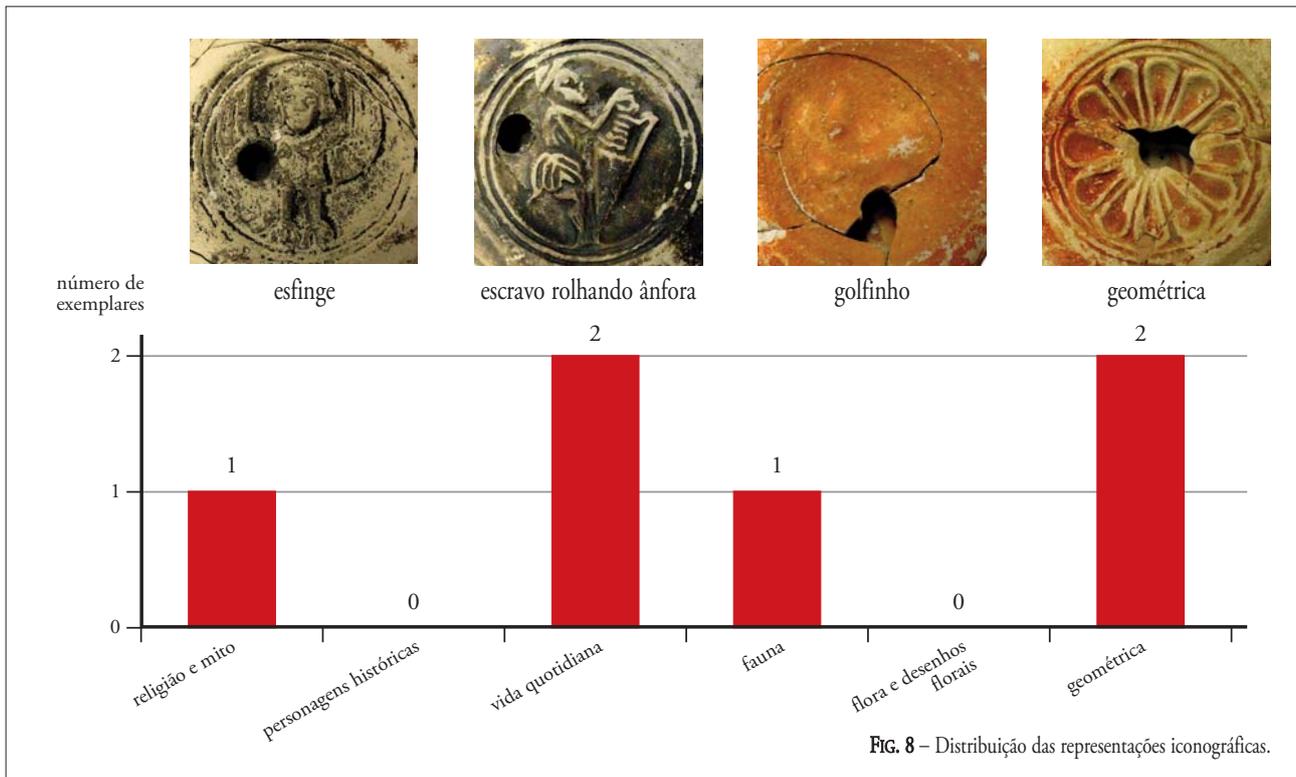


FIG. 8 – Distribuição das representações iconográficas.

Uma outra corresponde a um signo anepígrafo de uma folha de hera em forma de coração, com pêndulo (Tabela 1), estando documentada a sua produção em Andújar (BERNAL CASASOLA, 1993), em Córdova (BERNAL CASASOLA e GARCÍA GIMÉNEZ, 1995), e ainda em Mérida (RODRÍGUEZ MARTÍN e ALONSO CEREZA, 2005: 50).

Mais problemático parece ser o caso de um exemplar firmado em cursivo inciso que parece pertencer ao oleiro *Aniciorum* (Fig. 9, Fig. 6, n.º 4). Esta marca levanta algumas questões problemáticas e de difícil resposta. Antes de mais, destaca-se pela sua peculiaridade, conhecendo-se apenas um exemplar firmado com os mesmos caracteres num exemplar estudado por DENEAUVE (1969: 185, pl. XII, fig. 851), de idêntica cronologia, ainda que escrito em duas linhas. Não obstante, o autor nada avança sobre o oleiro, cronologia ou área de achados. Por outro lado, desconhecemos se também a marca referida terá sido efectuada em cursivo.

As contra-marcas encontram-se todas em relevo (Tabela 1). Esta realidade parece corroborar a proposta de Balil, de que este tipo de signos anepígrafos serviria para controlar o pagamento aos trabalhadores livres de um determinado centro produtor (BALIL, 1969: 9-10). Mais afirma que as contra-marcas surgem em associação a nomes de origem grega ou servil, como é o caso de *Fabricius* ou *Alexi*, o último comprovado em Alcácer do Sal, os quais poderão ter sido colocados na administração de centros produtores pelos seus proprietários.



FIG. 9 – Esfinge.

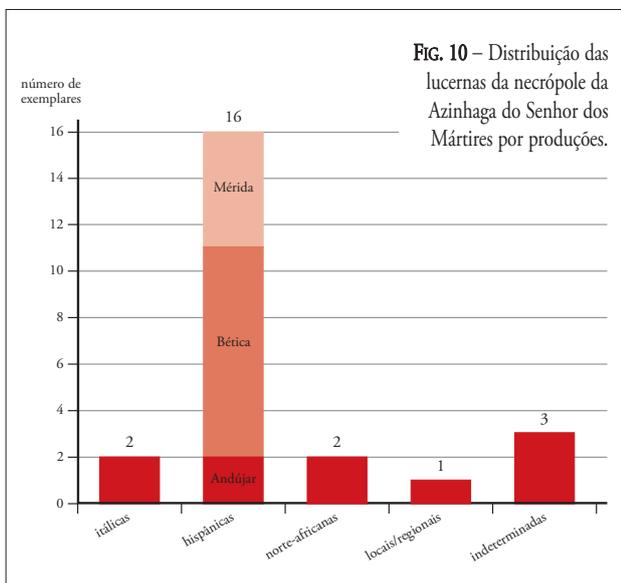
TABELA 1 – A epigrafia nas cerâmicas de iluminação

n.º inv.	leitura	oleiro	forma	origem	cronologia	contra-marca	produção
1097	IVNIALEXI	Ivni(us) Alexi(us)	Dressel/ /Lamboglia 20	Africana Proconsular?	finais do séc. I- -meados do séc. III		Bética
1107	[...]XI	Ivni(us) Alexi(us)	Dressel/ /Lamboglia 20	Africana Proconsular?	finais do séc. I- -meados do séc. III		Andújar
1051		folha de hera em forma de coração	Dressel/ /Lamboglia 20	produção atestada em Mérida, Córdova e Andújar	2ª metade do séc. I- -1ª metade do séc. II		Bética
1052	[...]	Aniciorum?	Dressel/ /Lamboglia 20	?	?	não	ind.
1048	ilegível	?	Dressel/ /Lamboglia 28	?	?	não	Mérida

3.2. NECRÓPOLE DA AZINHAGA DO SENHOR DOS MÁRTIRES (MNA, MUSEU PEDRO NUNES)

3.2.1. As produções

O conjunto em análise conta com um total de 24 peças, com predominância de exemplares de volutas de bico redondo. No que diz respeito às produções identificadas, mais uma vez, são as hispânicas que imperam, havendo-se identificado dois exemplares de produção de Andújar, nove de produção bética e cinco de produção emeritense. Não obstante, pudemos ainda identificar dois exemplares de produção itálica, dois de produção norte-africana e um de produção local/regional (Fig. 10).



3.2.2. As formas

Formalmente, o conjunto é bastante variado, com nove tipos distintos (Fig. 11).

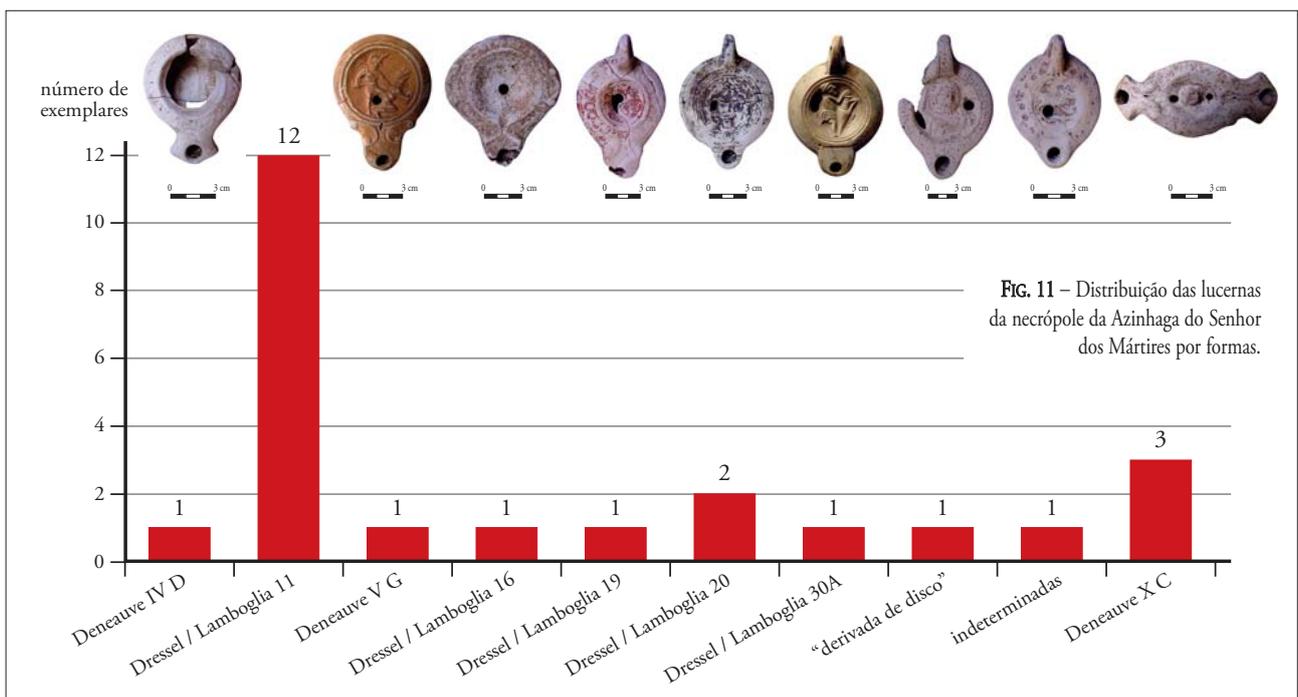
A forma mais antiga identificada corresponde ao tipo IVD de Deneauve, apresentando como principais características o bico triangular, e o corpo pequeno e circular, geralmente com a orla decorada. O tipo mais frequente nesta necrópole corresponde à forma Dressel-Lamboglia 11, superando em muito os demais. Refira-se ainda a presença das formas Dressel-Lamboglia 16 (Fig. 12, n.º 4), Dressel-Lamboglia 19, Dressel-Lamboglia 20, Dressel-Lamboglia 30A, Deneauve VG, Deneauve XC e “derivadas de disco”.

Neste âmbito, não poderíamos deixar de efectuar aqui alguns apontamentos pertinentes no que concerne a alguns destes tipos.

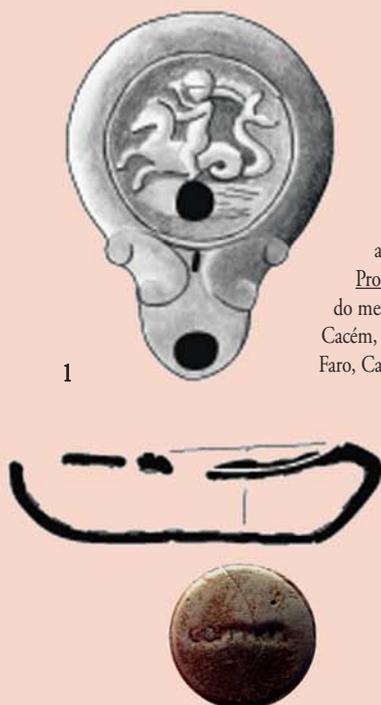
Correspondente ao tipo XC de Deneauve, pôde identificar-se um total de três exemplares característicos, com dois orifícios de combustão opostos. No entanto, certamente que os três exemplares não conviveram num mesmo período cronológico. Parece evidente que o protótipo de volutas adornado com uma representação de Vitória alada é a peça mais antiga (Fig. 14, n.º 3). A presença de bico triangular, as volutas simples e a orla praticamente inexistente, com três molduras que delimitam o disco largo e côncavo, permitem atribuir-lhe uma cronologia balizada na primeira metade do século I d.C.

Já o exemplar de produção local (n.º 13855), ainda que seja característico de bico triangular com volutas simples, por apresentar uma orla larga e convexa, e disco pequeno separado da orla apenas por uma moldura, deverá ser mais tardio (Fig. 14, n.º 4). Corresponde a uma sobremoldagem para a qual uma cronologia centrada em meados do século I d.C. deverá ser a proposta mais plausível.

...22 ▶



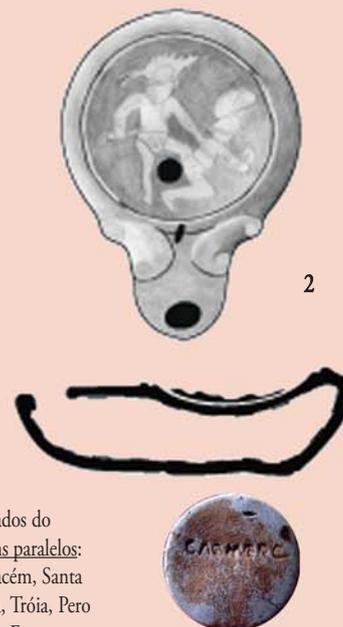
CATÁLOGO (CONT.)



1

Fig. 12, n.º 1 – Lucerna de volutas duplas de pasta bege acinzentada e engobe castanho claro. Orla larga e oblíqua, com uma moldura que a separa do disco. Volutas duplas. Apresenta alguns vestígios de uso.

Produção: Hispânica, Bética; Cronologia: meados do séc. I d.C. a finais do mesmo século; Alguns paralelos: Mérida, Ampúrias, Sevilha, Santiago do Cacém, Santa Barbara de Padrões, Santarém, Conímbriga, Tróia, Pero Guarda, Faro, Castelo Branco, entre outros; Forma: Dressel 11, Loeschcke IV, Deneauve VA, Ponsich II-B1; Iconografia: representação de *genius* montando um hipocampo; Marca: na base apresenta a marca COPPIRES bastante esbatida, indicando tratar-se de uma cópia; Sobremoldagem: sim. Local de depósito: Município de Alcácer do Sal; Proveniência: Necrópole da Azinhaga do Senhor dos Mártires.



2

Fig. 12, n.º 2 – Lucerna de volutas duplas de pasta cinzenta e engobe laranja. Apresenta alguns vestígios de uso.

Produção: indeterminada; Cronologia: meados do séc. I d.C. a finais do mesmo século; Alguns paralelos: Mérida, Ampúrias, Sevilha, Santiago do Cacém, Santa Barbara de Padrões, Santarém, Conímbriga, Tróia, Pero Guarda, Faro, Castelo Branco, entre outros; Forma: Dressel 11, Loeschcke IV, Deneauve VA, Ponsich II-B1; Iconografia: representação de dois gladiadores, onde o vencedor mantém o pé e a mão em cima do vencido, que está de joelhos e por terra. O vencedor parece estar ainda em atitude de ataque. Alguns investigadores interpretam estes lutadores como sendo um murmilo (o da esquerda) e um trácio (o da direita); Marca: na base apresenta a marca GABMERC; Sobremoldagem: indeterminada; Local de depósito: Museu Nacional de Arqueologia; Proveniência: necrópole da Azinhaga do Senhor dos Mártires; Observações: peça já publicada por Ferreira de ALMEIDA (1953) e também por Maria Elisabeth Figueiredo Cabral (FIGUEIREDO, 1974-77).



3

Fig. 12, n.º 3 – Lucerna de volutas duplas de pasta bege creme e engobe castanho-escuro. Orla praticamente inexistente, separada do disco por três molduras.

Sem vestígios aparentes de uso.

Produção: Hispânica, Andújar(?);

Cronologia: meados do séc. I d.C.; Alguns paralelos: Mérida, Ampúrias, Sevilha, Santiago do Cacém, Santa Barbara de Padrões, Santarém, Conímbriga, Tróia, Pero Guarda, Faro, Castelo Branco, entre outros; Forma: Dressel 11, Loeschcke IV, Deneauve VA, Ponsich II-B1; Iconografia: representação de quadriga triunfante a desfilar naquilo que tem sido interpretado como o circo. Os quatro cavalos parecem estar a caminhar em marcha para a esquerda. O auriga agarra as rédeas e leva consigo a palma da vitória; Marca: na base apresenta a marca MP[...]RO, de difícil interpretação e leitura; Sobremoldagem: não; Local de depósito: Museu Nacional de Arqueologia; Proveniência: Necrópole da Azinhaga do Senhor dos Mártires.



4

Fig. 12, n.º 4 – Lucerna de volutas viradas para o bico, de pasta castanha clara e engobe vermelho alaranjado. Orla larga e oblíqua, decorada. Disco pequeno e côncavo, separado da orla por uma moldura larga e em alto-relevo. Bico redondo. Sem vestígios aparentes de uso.

Produção: Itálica; Cronologia: segunda metade do séc. I d.C.;

Alguns paralelos:

Vindonissa, Mérida, Cosa, Montans, Santa Barbara de Padrões, Conímbriga, Santarém, entre outros; Forma: Dressel 16, Loeschcke V, Deneauve VD, Ponsich II-B2;

Iconografia: presente na orla, geométrica;

Marca: não; Sobremoldagem: não; Local de depósito: Museu Nacional de Arqueologia;

Proveniência: Necrópole da Azinhaga do Senhor dos Mártires.

◀ 20... Característico da primeira metade da centúria seguinte será o exemplar que apresenta bico redondo, com um pequeno canal central que vai até, sensivelmente, ao disco (n.º 5553). A orla é pequena e decorada com óvulos (Fig. 14, n.º 5).

Com efeito, Jean Deneauve chama a atenção para o facto de este tipo, por si individualizado, apresentar como principal característica os dois bicos opostos (DENEAUVE, 1969), ainda que englobe peças de diferentes cronologias, o que parece ser o caso dos materiais aqui em análise.

Não poderíamos ainda deixar de nos pronunciar sobre o tipo denominado de “derivadas de disco” (Fig. 13), nomenclatura utilizada inicialmente pelo investigador espanhol MORILLO CERDÁN (1999). Esta nova definição facilita a distinção deste tipo de peças de produção hispânica que, com efeito, apresentam características bastante peculiares que inviabilizam a sua inclusão nos tipos já criados (MORILLO CERDÁN, 1999: 125). Este tipo assemelha-se à forma VIII de Loeschcke. Contudo, Morillo Cerdán defende que os seus modelos de inspiração mais directos parecem corresponder às formas 30 e mesmo 28 de Dressel (MORILLO CERDÁN, 1999: 125; MORILLO CERDÁN e RODRÍGUEZ MARTÍN, 2009: 302-303).

Pensamos que a nomenclatura utilizada por Morillo Cerdán permite dissipar as dúvidas que surgem quando nos deparamos com peças que apresentam particularidades degenerativas de diferentes tipos, resultado de produções marginais de determinadas áreas geográficas. O mapa de dispersão desta forma oferece uma maior “abundancia en la antigua Asturica Augusta y su entorno”, o que obrigou o autor a “plantear una producción local en la capital astur, inspirada en producciones béticas o lusitanas” (MORILLO CERDÁN e RODRÍGUEZ MARTÍN, 2009: 303). Neste âmbito, não poderíamos deixar de fazer referência ao recente estudo de lucernas olisiponenses, onde se detectou uma produção local/regional de lucernas do tipo Dressel-Lamboglia 20 (VIEIRA, 2011: 116). Ainda que alguns dos protótipos produzidos no *ager olisiponensis* correspondam, efectivamente, a esse tipo, reparamos que outros, mais tardios, se adequam ao tipo definido por Angel Morillo (VIEIRA, 2011: Estampa III, n.º 6 e 9). É, portanto, credível que nessa região se tenham produzido ambos os protótipos, aos quais se soma a forma Deneauve VG (*IDEM*: 72), da qual se reconheceu um molde.

Do ponto de vista cronológico, também o conjunto da Necrópole da Azinhaga do Senhor dos Mártires abarca um momento longo, no qual pudemos reconhecer peças produzidas desde a viragem da Era até, sensivelmente, inícios do século IV d.C. Contudo, e neste âmbito em concreto, deveremos ter em consideração que nos encontramos perante um contexto de necrópole, em que nem todas as peças se encontram associadas e nem todas as sepulturas poderão apresentar a mesma cronologia. Por outro lado, existem apenas dois exemplares tardios, formas Dressel-Lamboglia 30A e “derivada de disco”, não sendo, portanto, representativos do período de maior utilização deste espaço sepulcral. Somente um estudo detalhado, sepultura a sepultura,



FIG. 13 – Exemplar de lucerna “derivada de disco” com a marca L.FABRAGA.

ra, poderia dissipar esta problemática, trabalho que, como em outros tantos casos, se mostra ingrato no momento de coser uma manta de retalhos de registo de campo de escavações antigas, onde nem sempre os contextos são claros.

Não obstante, o período em que este espaço parece ter sido mais utilizado encontra-se balizado entre meados do século I d.C. e início da centúria seguinte. Baseamos esta proposta em dois factores que parecem ser os mais pertinentes. Por um lado, como pudemos já constatar, a presença de cerâmicas de iluminação da forma Dressel-Lamboglia 11 é maioritária face às restantes. Por outro, e ainda que tenhamos identificado duas peças da forma 20 de Dressel, produzida durante a primeira metade do século II d.C., estas encontravam-se em clara associação a exemplares de volutas de bico redondo (Fig. 15), tratando-se assim de lucernas antigas, dentro do seu âmbito produtivo.

Embora tenha sido atribuída uma datação em torno ao final do século I para o início da produção desta forma, em outras áreas geográficas (DENEAUVE, 1969: 165), no Sudoeste peninsular parece evidente que só surge em contextos datados a partir de início da centúria seguinte, como se pôde comprovar em Monte Molião, Lagos (PEREIRA, 2008: 50-51). Infelizmente, desconhecem-se centros produtores béticos deste tipo de cerâmicas de iluminação.

Ainda assim, é consensual que tal manufactura existiu (MORILLO CERDÁN e RODRÍGUEZ MARTÍN, 2009: 296-297), a julgar pela ...24 ▶

CATÁLOGO (CONT.)

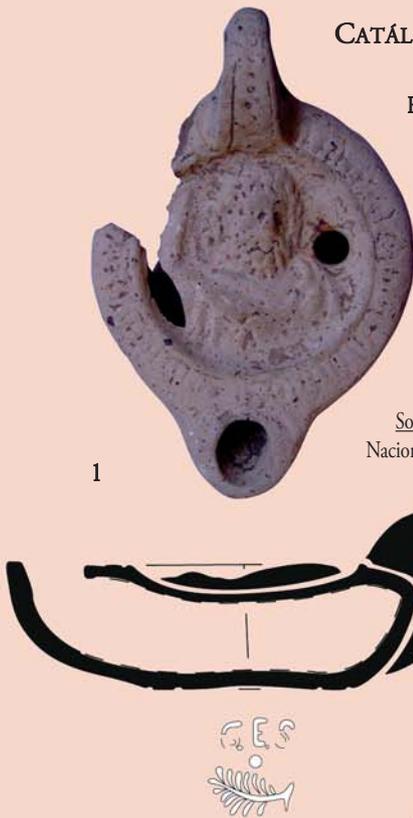


Fig. 14, n.º 1 – Lucerna de disco de pasta castanha clara com elementos ferruginosos e sem engobe. Orla decorada com óvulos e separada do disco por moldura saliente.
Produção: Hispânica, Mérida(?); Cronologia: segunda metade do séc. III d.C.; Alguns paralelos: Mérida, Ampúrias, Sevilha, Faro, Monte do Farrobo, Conímbriga, Santarém, Tróia, entre outros; Forma: Dressel-Lamboglia 30a; Iconografia: representação do busto de Júpiter, barbado e ligeiramente virado para a direita. Do lado esquerdo tem o raio; Marca: apresenta na base a marca G.E.S., sob a qual tem uma palma curva; Sobremoldagem: indeterminada; Local de depósito: Museu Nacional de Arqueologia; Proveniência: Necrópole da Azinhaga do Senhor dos Mártires; Observações: peça já publicada por Ferreira de ALMEIDA (1953) e também por Maria Elisabeth Figueiredo Cabral (FIGUEIREDO, 1974-77).

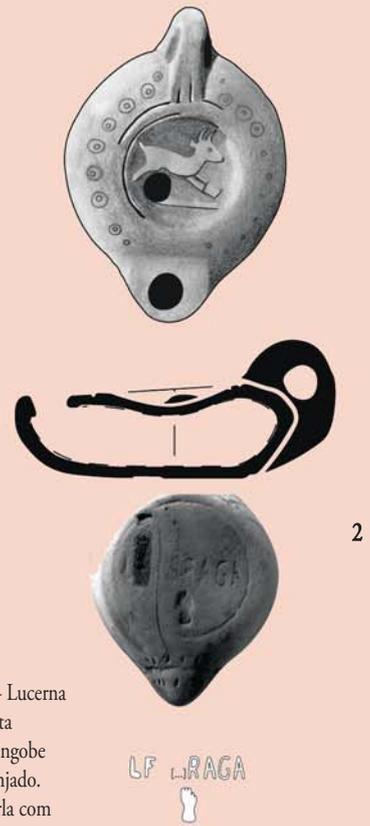


Fig. 14, n.º 2 – Lucerna de disco de pasta acastanhada e engobe vermelho alaranjado. Decorada na orla com óvulos.
Produção: indeterminada; Cronologia: finais do séc. III e inícios do séc. IV d.C.; Alguns paralelos: Sevilha, Pero Guarda, Ibiza, Aljustrel, Mauritânia Tingitania, entre outros; Forma: “Derivada de Disco”; Iconografia: representação de pequena cabra no disco, a correr para a direita. Palma estilizada representada na parte inferior do bico; Marca: apresenta na base a marca L.FABRAGA, com *planta pedis* imediatamente abaixo desta; Sobremoldagem: não; Local de depósito: Museu Nacional de Arqueologia; Proveniência: Necrópole da Azinhaga do Senhor dos Mártires; Observações: peça já publicada por Ferreira de ALMEIDA (1953) e também por Maria Elisabeth Figueiredo Cabral (FIGUEIREDO, 1974-77).

Fig. 14, n.º 3 – Lucerna de volutas simples de dois bicos, de pasta bege e engobe laranja pouco espesso. Orla praticamente inexistente, horizontal, separada do disco por duas molduras. Bico triangular e largo. Apresenta no centro do disco, e sobre a decoração, um apêndice para suspensão.
Produção: Hispânica, Mérida(?); Cronologia: primeira metade do séc. I d.C.; Forma: Deneauve XC; Iconografia: Vitória de frente, apoiada sobre a *orbis*, com as asas ligeiramente abertas. Na mão direita segura uma coroa e na esquerda uma palma voltada para cima; Sobremoldagem: não; Local de depósito: Museu Nacional de Arqueologia; Proveniência: Necrópole da Azinhaga do Senhor dos Mártires.

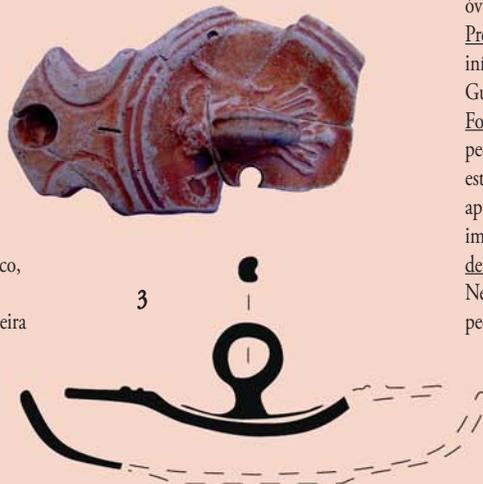


Fig. 14, n.º 4 – Lucerna de volutas de dois bicos, pasta acastanhada e sem engobe. Bicos largos e triangulares. Orla larga e horizontal, separada do disco por uma pequena moldura em alto-relevo. Disco pequeno e côncavo, com dois orifícios de alimentação. No centro, apresenta um apêndice para suspensão. Apresenta bastantes defeitos de produção. Poucos vestígios de uso.
Produção: local/regional(?); Cronologia: meados do séc. I d.C.; Forma: Deneauve XC; Marca: apresenta na base a marca LFABRAGA, com *planta pedis* imediatamente abaixo desta; Sobremoldagem: sim; Local de depósito: Museu Nacional de Arqueologia; Proveniência: Necrópole da Azinhaga do Senhor dos Mártires; Observações: peça já publicada por Ferreira de ALMEIDA (1953) e também por Maria Elisabeth Figueiredo Cabral (FIGUEIREDO, 1974-77).

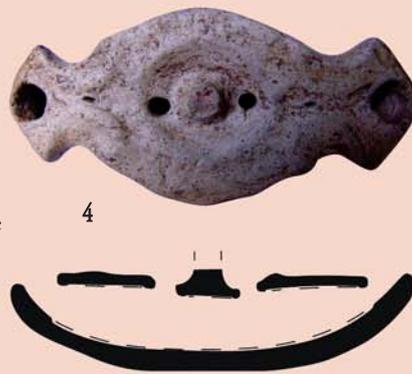


Fig. 14, n.º 5 – Lucerna de dois bicos, redondos, de pasta bege esbranquiçada e engobe laranja. Orla pequena e horizontal, decorada com óvulos. Disco pequeno, com dois orifícios de alimentação e um apêndice central que servia para suspender a peça. Poucos vestígios de uso.
Produção: Hispânica, Mérida; Cronologia: primeira metade do séc. II d.C.; Forma: Deneauve XC; Iconografia: geométrica; Marca: não; Sobremoldagem: não; Local de depósito: Município de Alcácer do Sal; Proveniência: Necrópole da Azinhaga do Senhor dos Mártires.

◀ 22... elevada quantidade de protótipos de características técnicas que remetem para uma produção Bética, no Sul peninsular, e ao qual se soma o Sul da Lusitânia, que conta já com uma produção olisiponense identificada.

3.2.3. A iconografia

No repertório iconográfico identificado, pudemos observar a presença de representações relacionadas com religião ou mito, vida quotidiana, fauna, flora e geométricas (Fig. 16), das quais enumeraremos as diferentes representações, destacando as mais invulgares.

No grupo da religião e mito, encontramos a figura de Eros montando o hipocampo (Fig. 12, n.º 1), e Vitória alada apoiada sobre a *urbis* com as asas estendidas e segurando a coroa e a palma. Esta última imagem encontra-se documentada, principalmente, nas formas iniciais de Loeschcke IA, B e C (Dressel 9), III (Dressel 12-13), IV (Dressel 11) e V (Dressel 14), abarcando um período compreendido entre o início do século I d.C. e as primeiras décadas da centúria seguinte. Além das já mencionadas, pudemos ainda identificar Minerva caminhando de perfil, segurando o escudo e apoiando-se na lança, sátiro desnudo tocando *siringa*, e busto de Júpiter barbado com o raio ao lado.

No grupo da vida quotidiana, encontramos a representação de um escravo rolhando uma ânfora, cena que se encontra bem documentada em lucernas do tipo 20 de Dressel e VIIA de Deneauve, abarcando um período cronológico centrado na primeira metade do século II d.C., realidade que, aliás, pudemos confirmar com os dados deste sítio.

Reconhecemos ainda a representação de um altar ladeado por dois ramos, cenas eróticas e também cenas de anfiteatro, estas, aliás, bastante comuns neste tipo de material. Ainda neste grupo, em alguns casos invulgares, pudemos identificar uma cena de ablução, com duas mulheres junto a uma bacia para a qual uma das figuras verte o conteúdo de um vaso ou jarro, a qual tem paralelo na obra de DENEAUVE (1969: 115, pl. XXXIX, fig. 334), estando também presente em Lisboa (VIEIRA, 2011: 82) e, ainda, uma quadriga triunfante a desfilar naquilo que tem sido interpretado como sendo o circo (Fig. 12, n.º 3). Os quatro cavalos parecem estar a caminhar em marcha para a esquerda. O auriga agarra as rédeas e leva consigo a palma da vitória.

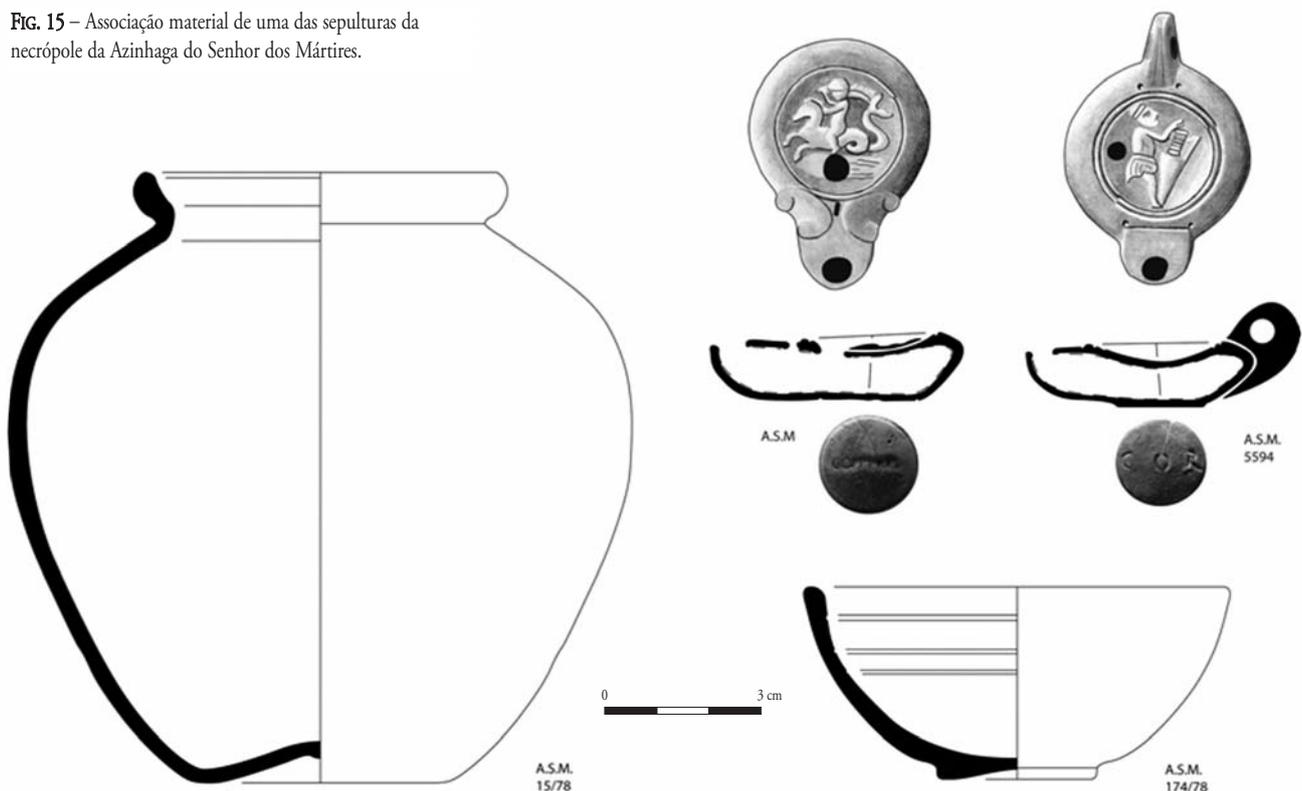
No grupo da fauna, insere-se a representação de uma pequena cabra e uma outra de um quadrúpede que não foi possível identificar, tendo em conta que se trata de uma sobremoldagem. A flora ou desenhos florais encontram-se representados apenas por um fragmento de disco que ostenta uma coroa de loureiro.

3.2.4. A epigrafia

O conjunto de cerâmicas de iluminação provenientes da Necrópole da Azinhaga do Senhor dos Mártires manifesta, ainda, uma considerável variedade de marcas e suas proveniências (Tabela 2).

Uma marca razoavelmente comum em conjuntos deste tipo de cerâmicas corresponde ao oleiro *C(aius) Oppi(us) Res(titutus)*, que não oferece hoje qualquer dúvida sobre a sua leitura (Fig. 12, n.º 1), cronologia e interpretação (AMARÉ TAFALLA, 1984), ainda que diferentes

FIG. 15 – Associação material de uma das sepulturas da necrópole da Azinhaga do Senhor dos Mártires.



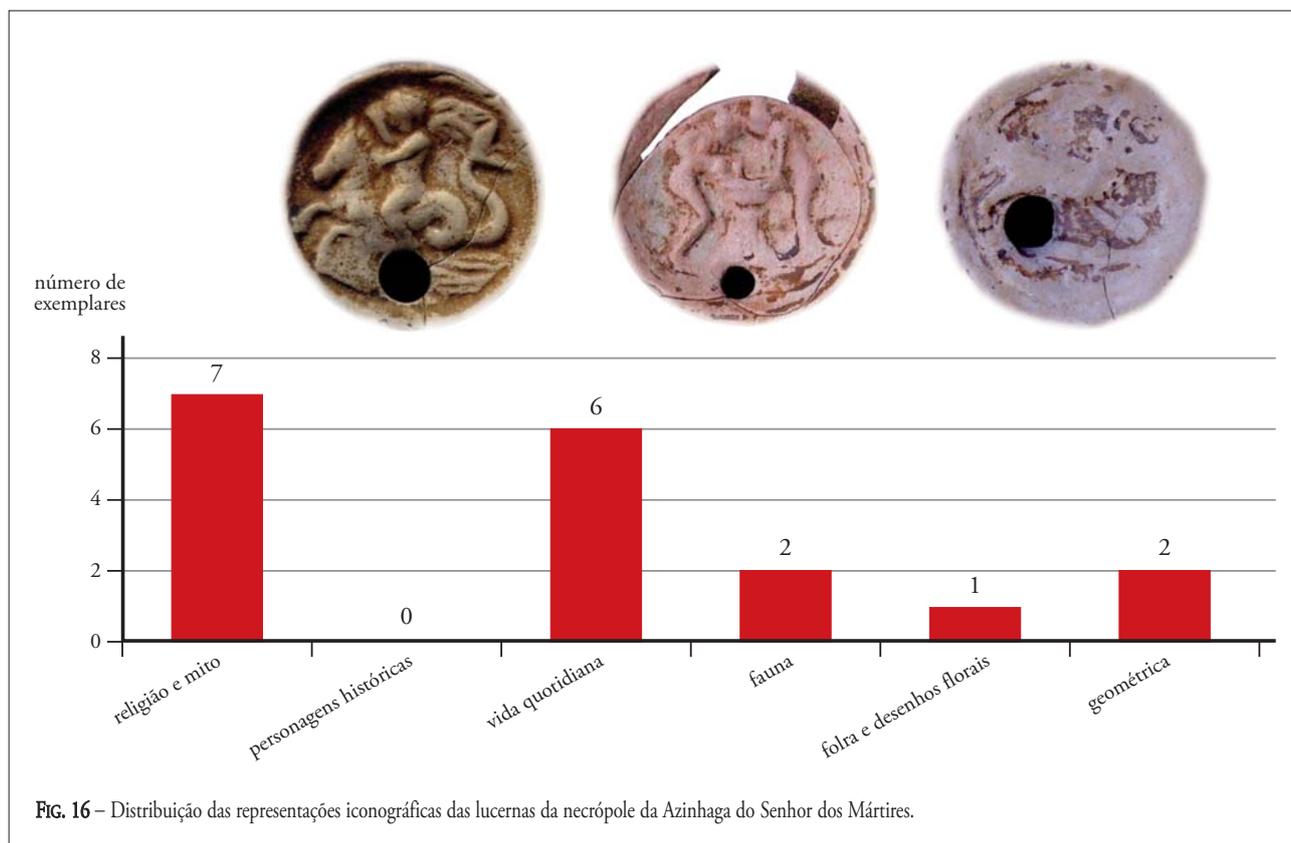


TABELA 2 – A epigrafia identificada nas cerâmicas de iluminação

n.º inv.	leitura	oleiro	forma	origem	cronologia	contra-marca	produção
---	COPPIRES	C(aius) Oppi(us) Res(titutus)	Dressel 11, Loeschcke IV, Deneauve VA, Ponsich II-B1	Itálica, mas com sucursais disseminadas por todo o Mediterrâneo	90 a 140 d.C. para o caso desta marca. Outras variantes estendem-se por todo o séc. II	não	Bética
5594	COR	C(aius) Oppi(us) Res(titutus)	Dressel 20, Deneauve VIIA, Ponsich III-B1, Walters 95	Itálica, mas com sucursais disseminadas por todo o Mediterrâneo	Variante com contextos na 1ª metade do séc. II	não	Norte-africana
13850	[G?]ABMERC	Gab(inius) Merc(...)	Dressel 11, Loeschcke IV, Deneauve VA, Ponsich II-B1	Africana Proconsular?	2ª metade do séc. I	não	indeterminada
13821		?	Dressel / Lamboglia 30A	Mérida	finais do séc. II - - início do séc. III	não	Mérida
2003.115.5	MP[...]RO	?	Dressel 11, Loeschcke IV, Deneauve VA, Ponsich II-B1	?	?	não	Andújar
13853		L(ucius) Fabr(icius) Aga[...] ?	“derivada de disco”			não	indeterminada
13854	<i>planta pedis</i>	---	Dressel 20, Deneauve VIIA, Ponsich III-B1, Walters 95	?	frequente a partir de Tibério e durante o séc. II	não	Bética
13852	cartela	---	Dressel 11, Loeschcke IV, Deneauve VA, Ponsich II-B1	?	?		Bética
2007.35.5	cartela	---	Dressel 11, Loeschcke IV, Deneauve VA, Ponsich II-B1	?	?	não	indeterminada
2007.35.3	cartela	---	Dressel 11, Loeschcke IV, Deneauve VA, Ponsich II-B1	?	?	não	Andújar
2003.3.28	ilegível	?	Dressel 19, Loeschcke VIIIIR, Deneauve VIIA, Ponsich III-B1	?	?	não	Bética

autores localizem a manufatura original em diferentes sítios (WALTERS, 1914: XXXV; BAILEY, 1988: 99; CARDAILLAC, 1891).

A actividade desta oficina parece estar documentada desde o período Flávio até meados ou finais do séc. II d.C. No entanto, é frequente depararmo-nos com variantes que apresentam um enquadramento cronológico mais preciso. Com efeito, este parece ser o caso de duas marcas identificadas neste conjunto, correspondendo uma delas à variante COPPIRES, presente numa peça sobremoldada de tipo Dressel-Lamboglia 11 de produção Bética, para a qual tem sido proposta uma origem itálica balizada entre 90 e 140 d.C. A outra variante identificada corresponde a forma COR, presente numa peça de tipo Dressel-Lamboglia 20 de produção norte-africana. Esta fórmula tem-se documentado com frequência na Península Itálica, de onde se pensa ser originária, disseminando-se rapidamente por todo o Mediterrâneo, não sendo, assim, estranha a presença de uma peça de produção norte-africana com esta firma.

Mais problemática, no que respeita à sua leitura, parece ser o caso da marca [G?]ABMERC (Fig. 12, n.º 2). Este é um oleiro sobre o qual ainda se conhece muito pouco. Alguns autores tendem a afirmar que se trata de uma manufatura norte-africana que mais tarde expandiu a produção para a área centro-italiana (BALIL, 1968-69: 170; BONNET, 1988: 174); outros pensam que esta produção tem origem em território italiano, passando depois a produzir também no Norte de África (BAILEY, 1988: 96; BERGÉS, 1989: 110). Certo é que a grande concentração desta firma se encontra nessas áreas. A possibilidade de associação de dois oleiros, sendo um deles a GABINIA, foi já tida em consideração (RODRÍGUEZ MARTÍN, 2002: 162). Embora raros, estes produtos chegaram ao extremo ocidente peninsular em momento que podemos balizar no último quartel do século I d.C. e primeiro do século seguinte.

Marcas de origem hispânica estão também presentes neste conjunto, representadas por um exemplar de produção emeritense (RODRÍGUEZ MARTÍN e ALONSO CEREZA, 2005: 51). Trata-se da marca de oleiro GES (Fig. 14, n.º 1), firmada sobre uma palma. A presença desta produção neste local não causa hoje qualquer tipo de dúvida, apresentando um vasto repertório na Península Ibérica, principalmente na área meridional. Esta oficina parece ter exercido a sua actividade desde o período de Tibério-Cláudio até ao final do século II d.C. (RODRÍGUEZ MARTÍN, 2002: 163).

Já a marca MP[...]RO afigura-se de difícil interpretação, uma vez que não se encontra completa. O desconhecimento das letras centrais inviabiliza a sua identificação com outras já conhecidas (Fig. 12, n.º 3). L.[FA]BRAGA, também identificada neste conjunto, corresponde a uma marca para a qual não encontramos muitos paralelos no mundo da cerâmica de iluminação, tendo-se demonstrado árdua a sua análise devido à escassez de informação sobre este oleiro (Fig. 14, n.º 2). Parece que nos encontramos perante o indivíduo *Lucius Fabricius Agatho*, ou *Agatop*, como foi já adiantado por outros autores (KEN-

NER, 1859: 68 e 72), ficando por esclarecer a relação deste indivíduo com o oleiro que assina *Agatop* ou *Agatopi* (MAIA e MAIA, 1997: Lu 170, 171 e 172). Não deixa de ser interessante reparar na existência de variantes da assinatura deste oleiro, como é o caso de LFABRICAGAT, FABRICAGAT, além da que aqui se apresenta, mas, dada a disparidade dos dados existentes até ao momento, não é possível propor uma evolução entre eles, nem perceber se nos encontramos perante o mesmo indivíduo ou vários.

Apesar da falta de dados, foi possível constatar uma maior incidência das variantes LFABRICAGAT e FABRICAGAT em lucernas do tipo Dressel 20 (BAILEY, 1980: 94, Q 1308), sendo assim mais antigas comparativamente ao exemplar aqui tratado. Sobre o oleiro que assina AGATOP ou AGATOPI, a existir alguma relação entre eles, será aquele que assinou o início desta geração de fabricantes de lucernas. Os restantes exemplares da Necrópole da Azinhaga do Senhor dos Mártires firmados apresentam apenas cartelas simples, sem qualquer tipo de signo no seu interior, pelo menos legível, dificultando a sua leitura, interpretação e enquadramento cronológico. De destacar ainda a presença de uma peça, correspondente ao tipo Dressel-Lamboglia 20, de produção bética, com uma *planta pedis*, marca para a qual tem sido proposta uma cronologia entre o reinado de Tibério e finais do século II d.C.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS: AS LUCERNAS ROMANAS NO LIMAR DA VIDA E DA MORTE

Desde logo deveremos ter em consideração que a informação obtida nestes dois contextos, ainda que idênticos na ritualidade, é diferente na funcionalidade.

O material proveniente da necrópole da Azinhaga do Senhor dos Mártires, além de corresponder a um conjunto mais numeroso, é-o também mais amplo temporalmente. Esta realidade dever-se-á ao facto de os materiais aí recolhidos serem provenientes de diferentes sepulturas, com diferentes marcos cronológicos. Com efeito, a presença, nesse local, de diferentes tipos de sepulturas (incineração e deposição em urna, incineração *in situ*, inumação) é também indicador dessa realidade.

Ainda assim, podemos reconhecer que o momento de maior utilização da Azinhaga enquanto espaço sepulcral se encontra perfeitamente documentado, no caso das cerâmicas de iluminação, durante a segunda metade do século I d.C. e início da centúria seguinte. No entanto, o estudo e análise dos restantes materiais daí provenientes, assim como dos contextos de cada sepultura e das associações materiais, demonstram-se indispensáveis na compreensão e datação desta necrópole.

Os dados que as lucernas oferecem permitem constatar, neste período e em *Salacia*, a presença de uma sociedade plenamente romaniza-



FIG. 17 – Gravura da parte ocidental de Alcácer do Sal, de George Landmann, 1818.

Certamente que, no caso do santuário, como se destinava a uma utilização pelos vivos, deverá ter tido manutenção até ao momento em que deixou de ser utilizado.

Creemos que esta realidade explica, assim, a contrastante datação que vem sendo atribuída à fundação deste espaço com a que aqui se apresenta para os materiais.

Parece evidente que a produção de cerâmicas de iluminação não se destina a um único propósito. É indiscutível que a sua função primária corresponde à iluminação. Contudo, poderiam servir outros propósitos mais complexos, intrínsecos à mentalidade humana. Ambos os exemplos tomados neste trabalho são prova de que as cerâmicas, por vezes, e ainda que servindo as necessidades básicas, se encontram quer no mundo dos vivos quer no mundo dos mortos, aparentemente com outros objectivos que não o da iluminação.

A ritualidade em *Salacia* encontra-se, assim, perfeitamente atestada no mundo dos vivos, onde estas peças preenchiam os mais diversos requisitos nos locais de culto, acompanhando as divindades aí cultuadas e iluminando o seu espaço, ou constituindo simples dedicações a estas. Contudo, também no mundo dos mortos atestamos a prática ritual, e é no mundo funerário que elas mais parecem estar presentes, depositadas conjuntamente com o cadáver e pretendendo cumprir objectivos mais abstractos (Fig. 17). Esta prática evidência, de igual forma, uma larga influência helenística (WALTERS, 1914: xv).

As lucernas assumem, por vezes, variados papéis cerimoniais nos diferentes fins votivos e práticas religiosas. Por um lado, assumiam papéis simbólicos nos locais de culto das divindades (ALMEIDA, 1953: 90); por outro, simbolizavam a eternidade da luz, indicando o caminho num mundo de escuridão. Não só tiveram um carácter preponderante nas cerimónias funerárias, como também no próprio mundo “subterrâneo”. De todos os objectos depositados nas sepulturas, as lucernas são, na maioria das vezes, os mais essenciais e significativos.

Infelizmente, a presença destes materiais reduz-se gradualmente a partir do século III d.C. Não significa isto que a ocupação cesse, pois a redução no consumo quiçá possa corresponder a uma alteração do

Infelizmente, a presença destes materiais reduz-se gradualmente a partir do século III d.C. Não significa isto que a ocupação cesse, pois a redução no consumo quiçá possa corresponder a uma alteração do

Infelizmente, a presença destes materiais reduz-se gradualmente a partir do século III d.C. Não significa isto que a ocupação cesse, pois a redução no consumo quiçá possa corresponder a uma alteração do

Infelizmente, a presença destes materiais reduz-se gradualmente a partir do século III d.C. Não significa isto que a ocupação cesse, pois a redução no consumo quiçá possa corresponder a uma alteração do

Infelizmente, a presença destes materiais reduz-se gradualmente a partir do século III d.C. Não significa isto que a ocupação cesse, pois a redução no consumo quiçá possa corresponder a uma alteração do

rito ou mesmo a uma alteração da mentalidade. Está documentado que, a partir de momento indeterminado do século III d.C., o espólio funerário reduz-se gradualmente até que desaparece por completo, além da já alterada deposição ritual do cadáver.

Este despojar o finado pode ser potenciado por vários factores, dos quais tem especial destaque a expansão do Cristianismo e a pregação da simplicidade na morte. 

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, J. A. (1953) – “Introdução ao Estudo das Lucernas Romanas em Portugal”. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 2.ª Série. 2: 5-208.
- AMARÉ TAFALLA, M.ª (1984) – *Lucernas Romanas de Bilbilis*. Zaragoza.
- BAILEY, D. M. (1980) – *A Catalogue of the Lamps in the British Museum*. Londres: British Museum Publications. Vol. II, “Roman Lamps Made in Italy”.
- BAILEY, D. M. (1988) – *A Catalogue of the Lamps in the British Museum*. Londres: British Museum Publications. Vol. III. “Roman Provincial Lamps”.
- BALIL, A. (1968-69) – “Marcas de Ceramista en Lucernas Romanas Halladas en España”. *Archivo Español de Arqueología*. Madrid. 41-42 : 158-178.
- BALIL, A. (1969) – “Estudios sobre Lucernas Romanas”. *Studia Archaeologica*. Santiago de Compostela. 2.
- BAPTISTA, J. C. (1896) – “Salacia”. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 1.ª Série. 2: 143-144.
- BERGÉS, G. (1989) – *Les Lampes de Montans (Tarn). Une production céramique des I er. et II e. siècle ap. J.C.: modes de fabrication, typologie et chronologie*. Paris (*Documents d'Archéologie Française*, 21).
- BERNAL CASASOLA, D. (1993) – “Una Pieza Excepcional del Museo Nazionale de Roma y el Problema de las Lucernas Tipo Andújar”. *Espacio, Tiempo y Forma*. Serie II, Historia antigua. Madrid. 6: 207-220.
- BERNAL CASASOLA, D. e GARCÍA GIMÉNEZ, R. (1995) – “Talleres de Lucernas en Colonia Patricia Corduba en Época Bajoimperial: evidencias arqueológicas y primeros resultados de la caracterización geoquímica de las pastas”. *Anales de Arqueología Cordubesa*. Córdoba. 6: 175-216.
- BONNET, J. (1988) – *Lampes Céramiques Signées. Définition critique d'ateliers du Haut Empire*. Paris (*Documents d'Archéologie Française*, 13).
- CARDAILLAC, F. (1891) – *Histoire de la Lampe Antique en Afrique*. Orán.
- CASTRO, A. M. S. de (1876) – “Acta da Sessão de 28 de Maio de 1876”. *O Instituto*. 23 (1-6): 191-195.
- CORREIA, V. (1924) – *Monumentos e Esculturas*. Lisboa: s.e.
- DENEAUVE, J. (1969) – *Lampes de Carthage*. Paris: Éditions du Centre National de la Recherche Scientifique.
- DRESSEL, E. (1899) – *Lucernae formae*. *C.I.L.* XV, vol. II: 1. Lam. 3.
- ENCARNAÇÃO, J. e FARIA, J. (2002) – “O Santuário Romano e a Defixio de Alcácer do Sal”. In *Religiões da Lusitânia: Loquuntur Saxa*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, pp. 259-263.
- FARIA, J. C. (2002) – *Alcácer do Sal ao Tempo dos Romanos*. Câmara Municipal de Alcácer do Sal / Ed. Colibri.
- FIGUEIREDO, E. (1974-77) – “Lucernas Romanas de Alcácer do Sal”. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 3.ª Série. 7-9: 347-354.
- GARCÍA GIMÉNEZ, R.; BERNAL CASASOLA, D. e MORILLO CERDÁN, A. (1999) – “Consideraciones sobre los Centros Productores de Lucernas Tipo Andújar: análisis arqueométrico de materiales procedentes de los Villares de Andújar (Jaen) y de la Submeseta Norte”. In *Arqueología y Arqueometría*. Granada, pp. 187-196 (Segunda Reunión de Arqueometría. Primer Congreso Nacional, 1995).
- GOMES, E. H. (2009) – *Os Ex-Votos Proto-Históricos do Castelo de Alcácer do Sal*. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Policopiado.
- GUERRA, A. (2003) – “Anotações ao Texto da *Tabella Defixionis* de Alcácer do Sal”. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6 (2): 335-359.
- LAMBOGLIA, N. e BELTRÁN, A. (1952) – “Apuntes sobre Cronología Cerámica”. *Caesaraugusta*. Madrid. 3: 87- 89.
- LOESCHCKE, S. (1919) – *Lampen aus Vindonissa, Ein Beitrag zur Geschichte von Vindonissa und des Antiken Beleuchtungswesens*. Zurich.
- MAIA, M. e MAIA, M. (1997) – *Lucernas de Santa Bárbara*. Castro Verde: Cortiçol.
- MORAIS, R. (2005) – *Autarcia e Comércio em Bracara Augusta: contributo para o estudo económico da cidade no período Alto-Imperial*. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.
- MORILLO CERDÁN, A. (1990) – “En Torno a la Tipología de Lucernas Romanas: problemas de nomenclatura”. *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología*. Madrid. 17: 143-167.
- MORILLO CERDÁN, A. (1992) – *Cerámica Romana de Herrera de Pisuerga (Palencia - España): las lucernas*. Palencia: Ediciones Universidad Internacional SEK.
- MORILLO CERDÁN, A. (1993) – “Campamentos Romanos en España a Través de los Textos Clásicos”. In *Espacio, Tiempo y Forma*. Madrid. Serie II, Historia Antigua. 6: 379-398.
- MORILLO CERDÁN, A. (1999) – “Lucernas Romanas en la Región Septentrional de la Península Ibérica”. *Monographies Instrumentum*. Montagnac: M. Mergoil. 8 (2 vols.).
- MORILLO CERDÁN, A. e RODRÍGUEZ MARTÍN, G. (2009) – “Lucernas Hispanorromanas”. In BERNAL CASASOLA, D. e RIBERA I LACOMBA, A. (eds.). *Cerámicas hispanorromanas. Un estado de la cuestión*. Universidad de Cádiz, pp. 291-312 [actas do XXVI Congreso Internacional de la Asociación *Rei Cretariae Romanae Fautores*].
- NUNES, R. F. (1959) – “Lucernas Romanas de Peroguarda”. *Arquivo de Beja*. Beja. 16: 79-102.
- PAIXÃO, A. C. (1970) – *Necrópole da Azinhaga do Sr. dos Mártires, Alcácer do Sal: novos elementos para o seu estudo*. Dissertação para a licenciatura em Ciências Históricas apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Policopiado.
- PAIXÃO, A. C. (1982) – “Necrópole da Azinhaga do Sr. dos Mártires, Época Romana”. *Informação Arqueológica*. Lisboa. 2: 76-79.
- PAIXÃO, A. C. (1984) – “Intervenção de Emergência na Necrópole Romana da Azinhaga do Senhor dos Mártires, Alcácer do Sal”. *Informação Arqueológica*. Lisboa. 4: 165-169.
- PEREIRA, C. S. (2008) – *As Lucernas Romanas de Scallabis*. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- PUYA GARCIA DE LEANIZ, M. (1988) – “Representaciones de Gladiadores en Discos de Lucernas del Museo Arqueológico de Sevilla”. In *Homenaje a Manuel de los Santos*. Albacete, pp. 205-210.
- RIBEIRO, A. (2006) – “As *Tabellae Defixionum*: características e propósitos”. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 9 (2): 239-258.
- RODRÍGUEZ MARTÍN, F. (1996) – “Materiales de un Alfár Emeritense: paredes finas, lucernas, sigillatas y terracotas”. *Cuadernos Emeritenses*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano. 11.
- RODRÍGUEZ MARTÍN, F. (2002) – “Lucernas Romanas del Museo Nacional de Arte Romano (Mérida)”. *Monografías Emeritenses*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano. 7.
- RODRÍGUEZ MARTÍN, F. e ALONSO CEREZA, E. (2005) – *Lucernas y vidrios. Antigüedades romanas II*. Madrid: Real Academia de la Historia [Catálogo del Gabinete De Antigüedades].
- SEPÚLVEDA, E.; SOUSA, Élvio M.; FARIA, J. C. e FERREIRA, M. (2003) – “Cerámicas Romanas do Lado Ocidental do Castelo de Alcácer do Sal. 3: paredes finas, pasta depurada, engobe vermelho pompeiano e lucernas”. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6 (2): 383-399.
- VIEIRA, V. (2011) – *As Lucernas Romanas da Praça da Figueira (Lisboa): contributo para o conhecimento de Olisipo*. Dissertação apresentada à Faculdade de Letras da Universidade Nova de Lisboa para obtenção do grau de Mestre.
- WALTERS, H. B. (1914) – *Catalogue of the Greek and Roman Lamps in the British Museum*. London: Order of the Trustees.